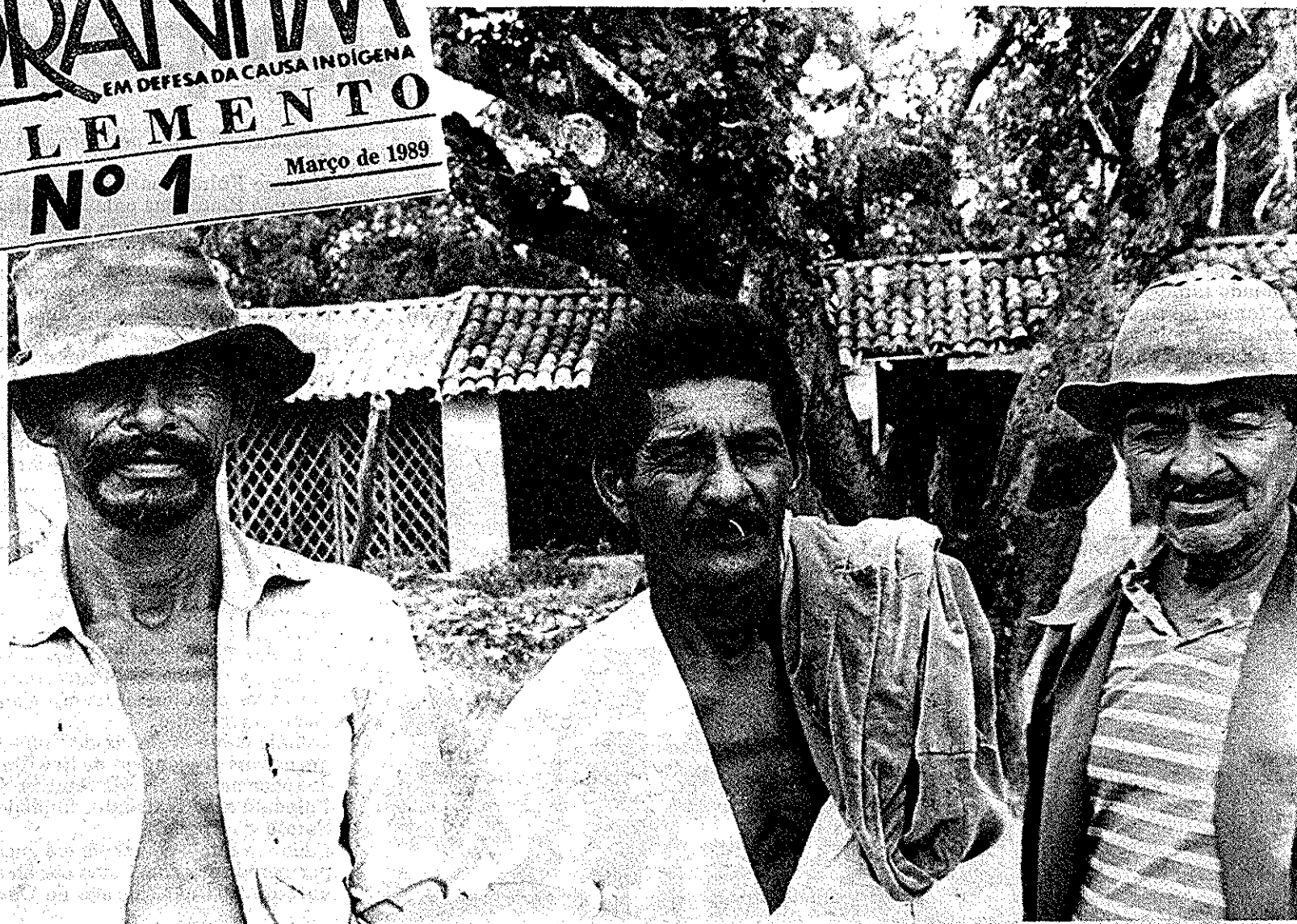


FUR 00041



Homens
Fulni-ô na
aldeia de
Barretinho,
embaixo do
juazeiro
sagrado

FULNI-Ô

A guerra do Paraguai foi um dos conflitos que mais exploraram as populações do interior do País. O recrutamento de soldados não era feito evidentemente entre as "boas famílias", mas entre os escravos, os negros libertos e até os indígenas.

Alguns escravos conseguiram a liberdade e certos povos indígenas, como os Kadiwéu do Mato Grosso receberam uma enorme gleba de terra. Mas grande parte dos que foram não voltaram, tendo ficado nos campos de batalha do Paraguai. Muitos grupos indígenas eram requisitados por sua valentia e por acreditarem nas mentirosas promessas das autoridades imperiais.

Os povos indígenas do Nordeste não escaparam a estas armadilhas e até alguns anos atrás vários Fulni-ô de Aguas Belas (PE) ainda se lembravam de tristes episódios. Este povo de fibra, provavelmente de cultura Timbira (ver pág. 2), que resistiu por vários séculos às pressões dos Cariri, dos Tupi e sobretudo dos portugueses de Pernambuco, foi duramente atingido nessa período.

O período imperial, apesar do que se divulga, não foi menos violento para estes povos que o período colonial, como

atesta este episódio narrado pelo velho Bento, por volta de 1925.

Como o exército imperial estava com falta de homens nas linhas de frente na Guerra do Paraguai, iniciou-se um processo de recrutamento forçado. Assim, vários Fulni-ô foram presos, ou melhor, seqüestrados pelas forças governamentais. Quando a comunidade deu falta destas pessoas, localizadas depois na cadeia pública de Aguas Belas, no interior de Pernambuco, um grupo de mulheres se mobilizou, exigindo que os indígenas fossem soltos.

Ante sua insistência, o delegado afirmou que os soltaria caso toda a aldeia viesse dançar o toré em frente à cadeia pública. A exigência foi prontamente atendida. Por vários dias eles se prepararam para realizar o toré mais bonito da História. Enfeitaram-se com suas tangas de penas de ema, com seus cocares, ornamentando os iakitxás e os maracás.

No dia combinado, toda a aldeia compareceu na cidade. Entretidos com a dança, nem perceberam a armadilha que lhes era preparada pelas autoridades locais. Num dado momento os Fulni-ô foram cercados por um destacamento militar, que prendeu todos os homens,

em condições de ir à guerra. O único que escapou foi o velho Bento, que na época não tinha 20 anos e que conseguiu se disfarçar de mulher, enrolando-se em alguns panos.

Dias depois os presos são levados para Recife e de lá para o Paraguai, de onde poucos voltaram. Documentos contemporâneos registram que "no dia 22 de junho de 1865 embarcaram para o sul uma companhia de Aguas Belas com 72 homens voluntários, para lutar por sua Majestade o Imperador".

Belo Império esse, que reduzia à escravidão e levava ao massacre populações inteiras em guerras que nada tinham a ver com os cidadãos deste país e muito menos com as nações indígenas.

Os Fulni-ô que escaparam a este seqüestro em massa se internaram no mato, temendo novas prisões. Com isto suas terras foram invadidas, sendo talvez este um dos objetivos deste arrastão militar. Sem maridos, muitas mulheres foram obrigadas a se casar com não-indígenas, começando uma miscigenação que ainda marca os Fulni-ô, apesar de toda resistência cultural que oferecem à pressão da sociedade brasileira.

A resistência de um povo

Apesar dos Fulni-ô serem o único povo indígena do Nordeste a conservar a língua original e a manter tradições culturais bem diferenciadas, poucas pesquisas etnográficas existem sobre eles, devido ao descaso e ao pouco interesse que os antropólogos brasileiros dedicaram às populações indígenas desta região. Este povo, chamado também de Carnijó, durante muito tempo foi considerado um subgrupo Kariri, quer pela vizinhança em que se encontravam deste grupo, quer por elementos

que incorporaram desta cultura, como a própria celebração do Ouricuri, que hoje lhes é tão característica.

Porém outros traços culturais, como o artesanato de palha, a corrida de tora, a cama de vara, certas normas matrimoniais ou a técnica de assar a carne em fornos subterrâneos, nos remetem a uma origem Timbira, Kamakã ou mesmo Apinajé, povos do cerrado ou de procedência do Brasil Central. Pela língua, são

classificados como pertencentes ao tronco Macro-Jê.

O nome Fulni-ô parece originar-se, segundo Estevão Pinto, das palavras fuli=rio, ni=ter e hô=sufixo significando a gente. Traduzindo teríamos "o povo do rio". Como sempre viveram à beira do rio Ipanema, este nome poderá ter-lhes sido dado por outros povos. A si mesmos se chamam de Ya-ktôa, que quer dizer "a nossa gente".

Em tempos passados, além dos Fulni-ô, viviam na região mais dois grupos, os Fola, chamados de Bico de Pato, localizados à beira do riacho do Funil, e os Foklasá, isto é, "os do lugar de muitas pedras", que viviam na Serra dos Cavalos. Militarmente superiores, os Fulni-ô dominaram estes dois grupos, dizimando-os e os remanescentes foram incorporados àquele povo. Como é próximo de nações de cultura Jê, os Fulni-ô possuem vários clãs, como os do Fumo, do Pato, do Porco, do Peixe, sendo este último chamado de Txokô. Cada pessoa, ao nascer, deveria ser incorporada a um destes clãs. Os mestiços, segundo Estevão Pinto, entravam para o clã dos Txokô e não é impossível que os atuais Xokó, da Ilha de São Pedro, em Sergipe, tão marcados pela mestiçagem, sejam descendentes deste clã Fulni-ô.

O mais nobre era o clã do Fumo (Sedaytô) cujos ancestrais descendem de Sewlihokhlá, o criador de todas as gentes. Ele também foi o pai de Faledatô e de Waledatô, fundadores do clã do Pato e do Porco.

Cada clã tem o seu chefe e a sucessão não se faz por hereditariedade, mas por eleição, que ocorre durante o ritual sagrado do Ouricuri.



Paulo Sues

Garotos Fulni-ô da Aldeia de Barretinho, em Aguas Belas, Pernambuco, em agosto de 1986

O toré fulni-ô

No final da década de 20, o sr. Mário Melo esteve várias vezes entre os Fulni-ô, e deixou-nos uma interessante descrição do Toré, dança que mostra as raízes de nossa quadrilha, tão do gosto das populações nordestinas.

"As pessoas destinadas à dança — nem todos a sabem e os mestiços são impedidos de aprendê-la —, preparam-se numa palhoça. Os homens em trajes comuns — outros de tangas e braceletes de penas e cocares — e as mulheres com os vestidos melhores de cores vivas e barretinas de papel escarlata, uns e outros sempre descalços.

"À frente, braço esquerdo sobre ombro direito e braço direito sobre ombro esquerdo, os dois musicistas principais e únicos homens que participam, da dança e dela são os marcadores.

Sustentam na mão livre uma espécie de tuba de um metro e mais de comprimento, a que chamam iakitxá. De diâmetros diferentes, a mais grossa, no diapasão de contrabaixo, serve para a marcação dos primeiros tempos de compasso, enquanto a outra, adequada à escala de barítono, faz papel de trombone no acompanhamento, em notas mínimas, sempre as mesmas, que os instrumentos não permitem mais que uma.

"A seguir, dois outros homens com maracás, os quais são agitados aos primeiros tempos de compassos, em sincronismo com o iakitxá, que dá a nota da marcação. Esses maracás são sagrados, passam de geração a geração e vivem sob a guarda de dois carnijós legítimos, eleitos no ouricuri.

"Por fim as mulheres. A estas competem o canto, que os maracás e os iakitxás



Zé Carajá

Casas da aldeia do Ouricuri

acompanham. A música é monótona, sem palavras, numa expressão dolente e quase invariável.

"Marcham os dois do fundo até o terreiro previamente escolhido. Em chegando, sem mudança de ritmo, formam semi-círculo. A circunferência é fechada pelos assistentes.

"Os musicistas dos iakitxás abandonam o ponto em que se achavam colocados e vêm para o centro, sempre abraçados, em piruetas e sapateados. Movimentam-se como um só corpo de quatro pernas, fazem mesuras com os iakitxás, numa espécie de cumprimento à assistência, saltam, rodopiam, e por fim, baixam a tuba, cada um ao pé da mulher que escolhem. As duas ceticonkias abandonam o lugar que guardavam, e enquanto os dançarinos voltam

para o centro do círculo, nos seus passos exóticos, ora baixando ora levantando os instrumentos, as dançarinas rodopiam em torno dos iakitxás em passos miudinhos, sem se afastarem deles, que parecem atraí-las como ímã ao metal.

"Ao fim de alguns minutos, os tocadores de iakitxás vão fazendo recuar as dançarinas até o ponto em que as foram buscar, renovam os cumprimentos com as tubas, saracoteiam, atraem mais duas moças, fazem-nas repetir os passos das primeiras e assim até terminar a parte, quando todas as caboclas, aos pares, tenham dançado.

"Cada parte do Toré é inspirado na fauna brasileira: ora é o passo da asa-branca, ora o passo do urubu, ora o peixe no curral".